

## Colóquio Internacional

### Eduardo Lourenço: Um tempo brasileiro breve, mas duradouro

15 · 16 de Junho de 2023, 10h

Biblioteca Eduardo Lourenço

*Coord.:* Pedro Serra · USAL

*Dir.:* Osvaldo Manuel Silvestre · UC

Organiza:

Centro de Estudos Ibéricos

Colaboração: COLEEB · GIR EP&B e Centro de Estudios Brasileños · USAL

*Participantes e títulos das palestras:*

#### *O inumano em Clarice, segundo E.L.*

Annita Costa Malufe

Universidade de Salamanca

RESUMO:

Ainda que não possua, por Eduardo Lourenço, um ensaio específico inteiramente dedicado a sua obra, Clarice Lispector é um dos nomes talvez mais mencionados pelo ensaísta quando se trata da literatura brasileira do século XX. A “fantástica Clarice”, como se refere mais de uma vez, parece um emblema daquilo que Lourenço buscou ao investigar os mistérios da literatura contemporânea, naquilo que ela subverte o romantismo e afirma uma “mística do avesso” enquanto possível saída para o impasse do humano em tempos de niilismo.

CV:

**Annita Costa Malufe** é investigadora da Universidad de Salamanca (Contrato María Zambrano), junto ao Grupo de Investigación Reconocido Estudios Portugueses y Brasileños. No Brasil, é pesquisadora do CNPq e docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. É investigadora colaboradora do ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto).

Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP, é autora dos livros de ensaios: *Territórios dispersos: a poética de Ana Cristina Cesar* (2006) e *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar* (2011), ambos com financiamento FAPESP. Realizou duas pesquisas de pós-doutoramento: na USP, “Traços de Beckett na literatura contemporânea” (bolsa CNPq), supervisionada por Fabio de Souza Andrade; e na PUC-SP, sob supervisão de Peter Pál Pelbart, “Procedimentos literários em Gilles Deleuze” (bolsa FAPESP). É autora de sete livros de poemas, dentre os quais *Alguém que dorme na plateia vazia* (7letras, 2021).

\*

## *A «rasura do trágico» como operação infinita*

Eduardo Sterzi  
UNICAMP

### RESUMO:

Eduardo Lourenço apresenta como marca distintiva da literatura brasileira, sobretudo a partir do modernismo, a «rasura do trágico». Como o próprio Lourenço vislumbra na forma inicialmente grega da tragédia — que consistiria na expressão e estetização de um «mistério» originalmente «inexpresso» — já um «modo de abolição do trágico», as experiências literárias dos últimos cem anos no Brasil poderiam ser vistas talvez como uma realização concentrada e exemplar, justamente porque tardia, de um processo bem mais amplo, tanto no espaço quanto no tempo. No entanto, quando prestamos atenção a alguns pormenores até agora despercebidos dessa literatura — como, por exemplo, a recorrência, em textos dos anos 20, de vocábulos como fatalizar e fatalizado, num sentido específico que parece combinar *factum* e *fatum* — ou quando examinamos o aproveitamento de fórmulas e módulos modernistas pelos artistas do Cinema Novo e da Tropicália, o trágico reaparece com algo de sua força originária (isto é, arcaica) e a sua «rasura» se faz rever não como ação acabada, mas como uma espécie de operação infinita, que escritores, cineastas e músicos, de obra a obra, atualizam.

### CV:

**Eduardo Sterzi** (Porto Alegre, Brasil, 1973) é professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Publicou, entre outros, *Saudades do mundo: notícias da Antropofagia*, *Por que ler Dante* e *A prova dos nove: alguma poesia moderna e a tarefa da alegria*. É autor também dos livros de poesia *Prosa*, *Aleijão* e *Maus poemas* e das peças teatrais reunidas em *Cavalo sopa martelo*. Como curador, participou das equipes responsáveis pelas exposições *Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo* (Sesc Ipiranga e Sesc Araraquara, no Brasil; Weltkulturenmuseum, na Alemanha; e Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Portugal), *Caixa-preta* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre) e *Desvairar 22* (Sesc Pinheiros, São Paulo).

\*

## *Oropa, França, Bahia: regionalismo e provincianismo em Eduardo Lourenço*

Luís Bueno

Universidade Federal do Paraná

### RESUMO:

No volume *Nós e a Europa ou as duas razões* (1988), Eduardo Lourenço reuniu um conjunto de ensaios em que se discutiam os caminhos e descaminhos históricos (e não só) que fizeram, a partir do século XVII, que os Pireneus se transformassem em fronteira a dividir a Europa em duas partes, dentre as quais coube à mais ocidental um papel secundário no Ocidente. Na equação proposta pelo ensaísta, a América Latina tem um papel fundamental, ressaltado num ensaio cujo subtítulo é “Ressentimento e fascínio”, uma “estranha conjunção disjuntiva”, segundo o próprio autor. Não pode ser apenas coincidência que a palavra “fascínio” esteja no subtítulo do livro que traz sua produção sobre o Brasil, ainda que numa conjunção menos disjuntiva e mais projetiva como “fascínio e miragem”. Analisaremos a forma como a reflexão de Eduardo Lourenço sobre a literatura brasileira, nomeadamente uma de suas correntes fundamentais, o regionalismo, coloca-se no contexto maior de seu pensamento sobre a situação de Portugal no período que marcou seu ingresso (e o da Espanha) na Comunidade Europeia.

### CV:

**Luís Bueno** doutorou-se em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 2001. É professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária na Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde 1996. Realizou pós-doutoramentos na Universidade de Lisboa (2007-2008), no King's College London (2014-2015) e na Universidade Nova de Lisboa (2022-2023). Publicou, entre outros, os livros *Uma história do romance de 30* (Edusp/ Editora Unicamp, 2ª ed 2015), *Capas de Santa Rosa* (SENAC/ Ateliê, 2016) e *Paradeiro* (Ateliê, 2018, prêmio Machado de Assis 2019).

\*

## *O «fulgor bárbaro» de Deus e o Diabo na terra do Sol e do Brasil: Glauber Rocha segundo Eduardo Lourenço*

Oswaldo Manuel Silvestre

Universidade de Coimbra

### RESUMO:

Em dois textos publicados em 1967, Eduardo Lourenço aborda *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha, no contexto de uma reflexão que parte da dimensão

cinematográfica para visar o cultural e o mitológico. Na sua leitura, o filme de Glauber, e boa parte dos filmes do Cinema Novo, não foram concebidos como “diversão ou mercadoria, mesmo aceitável, mas como *actos* através dos quais jogam a sua definição e o destino da realidade tratada” (“O Cinema Novo e a Mitologia Cultural Brasileira”, in *Tempo Brasileiro*, pp. 117-128). Ao longo desses ensaios Lourenço reforça os vínculos entre o cinema de Glauber Rocha e a interpretação da mitologia brasileira, fazendo do cineasta um brasilianista, o que definiria o melhor do Cinema Novo e o colocaria na linhagem do modernismo de 22. Esta leitura implica uma rejeição do formalismo cinematográfico e, ao mesmo tempo, atribui ao Cinema Novo uma posição de revisão crítica das mitologias de origem literária, de Euclides da Cunha a Jorge Amado e a Guimarães Rosa, de cujo arcaísmo e folclore Glauber e seus camaradas se distanciariam. A comunicação visa discutir esta leitura, bem como os seus pressupostos.

CV:

**Oswaldo Manuel Silvestre** é professor de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Cinema na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É coordenador do Instituto de Estudos Brasileiros e dirigiu no biênio de 2021-23 o Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas. É responsável científico pelo espólio de Carlos de Oliveira no Museu do Neo-Realismo e prefaciou a reedição do romance *Alcateia*, em 2021. O seu último livro publicado foi o volume, que coorganizou com Rita Patrício, *Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*, Braga, UMinho Editora, 2020. Organizou, com Pedro Serra, o dossiê temático do último número da *Colóquio/Letras*, com o título “A Voz na Literatura”.

\*

### *O barroco no purgatório da linguagem*

Pedro Serra

Universidade de Salamanca

RESUMO:

Proponho algumas excursões sobre o rendimento e préstimo do vocábulo ‘barroco’ nos seguintes textos vinculados ao ‘tempo brasileiro’ de Eduardo Lourenço: «Fenomenologia e História da Arte – O Exemplo do Barroco – Breve Fenomenologia do Barroco» (s/d, conferência proferida a 19.08.1959), «Breve história de um equívoco. Talvez recuperável» (08.10.198&lt;7&gt;) – incluídos em *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios* (2004) – e «Apoteose Barroca» (08.11.1999). Distinguindo ‘vivência’ de ‘experiência’, é possível ajuizar estes textos encontrando neles os traços de momento ou momentos de intensidade qualificada na visitação de Eduardo Lourenço da Igreja de S. Francisco da Bahia. Em que sentido é ‘profana’ – isto é, crítica – semelhante *iluminação* lourenciana ou, se preferirmos, aludindo ao subtítulo da secção de *Tempo Brasileiro* onde foram coligidos, de «luminosa presença»? Dilucidar esta matéria passa, desde logo, pelo campo de atracção

semântico da figura de um «purgatório da linguagem», sintagma cunhado pelo próprio Eduardo Lourenço para significar a sua digressão fenomenológica sobre o ‘barroco’; figura, enfim, do modo da escrita destas peças variamente ensaísticas e, talvez mesmo, do ‘ensaio’ como forma.

CV:

**Pedro Serra** é Professor Catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Salamanca, onde coordena a Cátedra de Estudos Portugueses IC/USAL e é responsável da Área de Filologia Galega e Portuguesa. IP do GIR em Estudos Portugueses e Brasileiros – que integra o Colaboratório Europeu de Estudos Brasileiros COLEEB –, é membro investigador do CLP (Coimbra), do grupo HELICOM (Autónoma de Madrid) e do CRIMIC (Sorbonne). Dirige, no Departamento de Filologia Moderna, o mestrado em Estudos da Ásia Oriental MELYCA.

\*

*Eduardo Lourenço, a casa perdida e o Brasil: uma outra semântica do tempo histórico*

Roberto Vecchi

Cátedra Eduardo Lourenço/Università di Bologna

RESUMO:

Sem cair em biografismos dispensáveis, a experiência no Brasil de Eduardo Lourenço foi, em muito sentidos, seminal. Configurou um repertório de tópicos e de perspectivas que irão acompanhá-lo de modo definitivo. Alguns temas são conhecidos e amplamente interrogados, outros só liminarmente abordados dentro de um processo que mostra a integração vasta de saberes que foi o pensamento de Eduardo Lourenço: a conceitualização do trágico, e reflexão sobre o império de Portugal e a sua agonia de longa duração, o vislumbre do carácter pernicioso do luso-tropicalismo, a geopolítica cultural como arte interdisciplinar além dos perímetros fechados da filosofia, o desencontro entre o mito e realidade, a fragilidade do conjunto comunitário etc. Dentro desta amostra imediata, o que se tentará fazer na apresentação é tentar depreender um mínimo denominador comum entre os diferentes tópicos críticos. O que se procura esboçar, em suma, é a hipótese de um elemento mais substancial que se acrescenta ao longo da vivência na Bahia, a construção de uma semântica própria do tempo histórico que o futuro-passado do Brasil contribui a delinear, ao lado do inexaurível questionamento de Portugal, e que se poderia sintetizar numa contraposição sistemática entre exótico e endótico, entre um tempo alheio e um tempo próprio, como forma epistemológica de apreensão permanente do outro. Algo que começa de um vóeis melancólico (mas não triste) nos “destroços” de um diário que nunca se constituirá: o reencontro com a casa perdida surpreendentemente reencontrada, em rastros, no contexto mais irredutivelmente diferente da

meseta ibérica, ou seja, o Brasil. São Pedro do Rio seco em todo o lugar. O acesso impossível ao passado, tenazmente perseguido, como tentativa, ou ensaio, de retorno a um tempo definitivamente perdido. A experiência do inacabado.

CV:

**Roberto Vecchi** é professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira e de História da cultura portuguesa na Universidade de Bolonha e é desde 2007 coordenador, com Margarida Calafate Ribeiro, da Cátedra Camões Eduardo Lourenço.

\*

*Luso, iluso, desilusão: o fio de Eduardo Lourenço no «Labirinto do Ressentimento» luso-brasileiro*

Talles Faria

Universidade de Coimbra

Resumo:

Em oposição frontal a Gilberto Freyre, Eduardo Lourenço capta as relações entre Portugal e Brasil menos pelo que há nelas de continuidade cultural do que pelo que nelas há de ruptura, ressentimento, delírio, mitificação, sem perder de vista, entretanto, o horizonte do complexo histórico-cultural que ata (e desata) os dois países. Em suas prospecções neste «Labirinto do Ressentimento», na definição do próprio Lourenço, o filósofo e ensaísta português, se não mata o Minotauro, desenrola um fio pelos intricados (des)caminhos das relações luso-brasileiras. Proponho aqui, portanto, seguir o «fio de Lourenço» através deste labirinto, contextualizando e problematizando algumas de suas principais asserções, e, especialmente, procurando desenvolver o seu contributo no horizonte – miragem que para alguns chega à vertigem – das atuais relações luso-brasileiras.

CV:

**Talles Faria** é Doutor em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas pela Universidade do Minho, mestre em Estudos Literários e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua nas áreas de literatura brasileira, teoria da literatura e filosofia, interessando-se também pelo ensaísmo ibero-americano.

## DISTRIBUIÇÃO DAS MESAS

### **Dia 15 · Manhã, 10h**

*Oropa, França, Bahia: regionalismo e provincianismo em Eduardo Lourenço*

Luís Bueno

Universidade Federal do Paraná

*O barroco no purgatório da linguagem*

Pedro Serra

Universidade de Salamanca

### **Dia 15 · Tarde, 16h**

*A «rasura do trágico» como operação infinita*

Eduardo Sterzi

UNICAMP

*O inumano em Clarice, segundo E.L.*

Annita Costa Malufe

Universidade de Salamanca

*O «fulgor bárbaro» de Deus e o Diabo na terra do Sol e do Brasil: Glauber Rocha segundo Eduardo Lourenço*

Oswaldo Manuel Silvestre

Universidade de Coimbra

### **Manhã 16, 10h**

*Luso, iluso, desilusão: o fio de Eduardo Lourenço no «Labirinto do Ressentimento» luso-brasileiro*

Talles Faria

Universidade de Coimbra

*Eduardo Lourenço, a casa perdida e o Brasil: uma outra semântica do tempo histórico*

Roberto Vecchi

Cátedra Eduardo Lourenço/Università di Bologna